

*Poetas?*

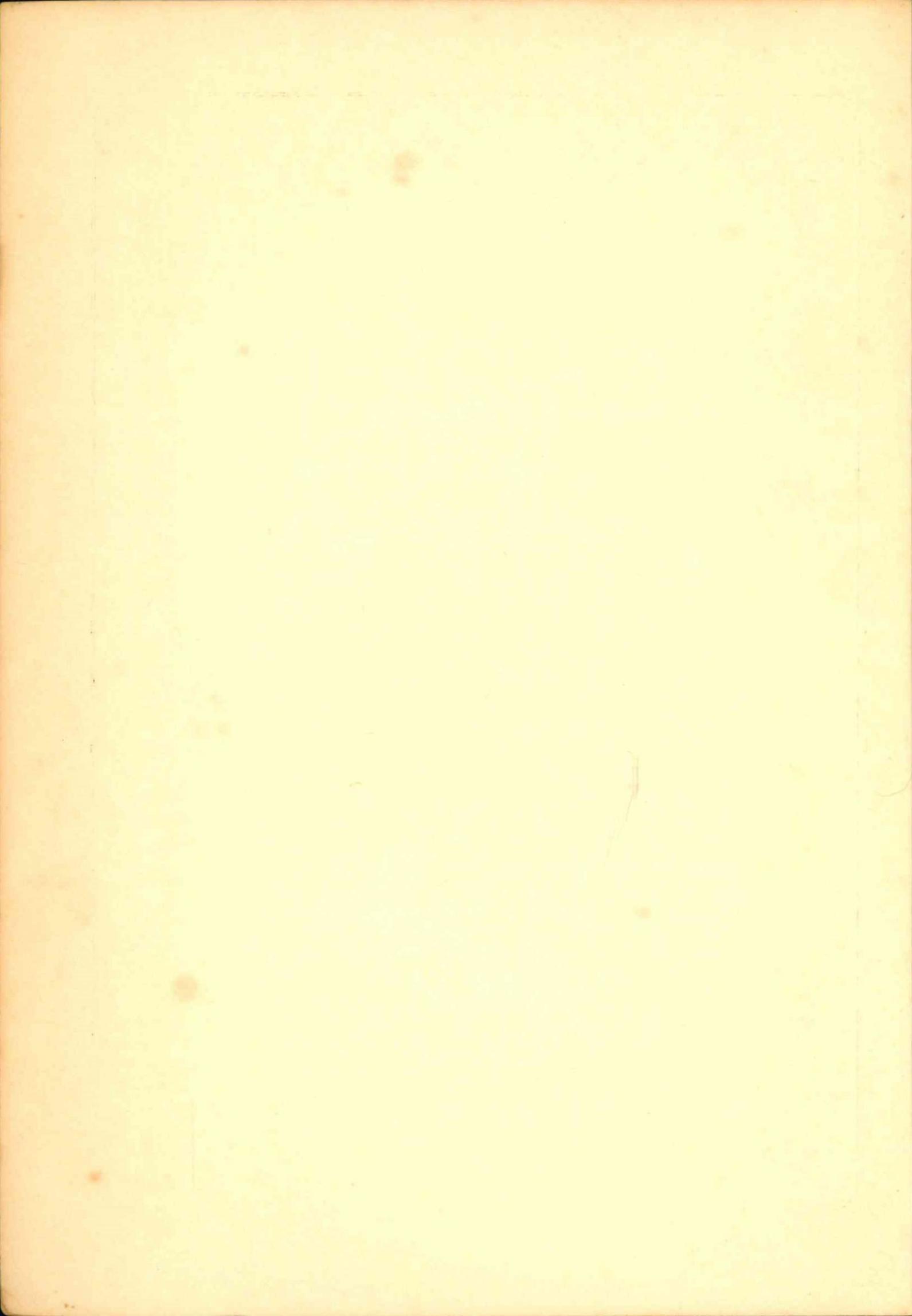
*Quantos!...*



Antologia Poética dos  
Alunos da Escola Secundária de Arcozelo  
BARCELOS – 1981



3)  
21.134.3-1 AZ  
OE







*Poetas?*

*Quantos!...*



MUNICIPIO DE BARCELOS  
BIBLIOTECA

**Antologia Poética dos  
Alunos da Escola Secundária de Arcozelo**

**BARCELOS - 1981**

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 59549

Antologia

Antologia



Antologia Poética dos

Alunos da Escola Secundária de Barcelos

BARCELOS - 1981

BIBLIOTECA MUNICIPAL

1981 25243

*As PESSOAS cujas coordenadas da vida se cruzaram no espaço-tempo (restrito demais) da Escola Sec. de Arcozelo - Barcelos.*

*Muito especialmente, aos alunos/as que se bateram na batalha de «Poetas? Quantos!...»*



**AGRADECEMOS SINCERAMENTE:**

**AO CONSELHO DIRECTIVO:**

pelo estímulo e apoio financeiro.

**AO JORNAL «O ESTUDANTE»:**

pela divulgação desta iniciativa.

**Um cantinho imprescindível para a:**

*Guida*

*Corina*

*Albino*

*Duarte*

*José António*

pelo (grande) esforço anónimo (sempre) posto na realização,  
de «Poetas? Quantos!...»



## PREFÁCIO POEMA

Poeta é o Povo! — Sem condicionantes reticentes. Sua obra é o POEMA — simbiose plena do tempo no espaço: semente e raiz, borbulha e flor, fruto e semente... POVO-POEMA: fonte rejuvenescente do guerrilheiro cansado; caminho da LIBERDADE apetecida... SEMPRE.

E o POEMA está em nós: Poema-Miragem... Oh, se fizéssemos as palavras do POEMA que nos corre no sangue!... Se O fotografássemos para mostrar a todos o seu colorido!...

Suar permanentemente a INVENÇÃO das palavras, para fixar o POEMA, é um acto de grande CORAGEM. Mas, mais corajoso ainda é o acto de começar a CRIAÇÃO.

Perto de centena e meia de mulheres e homens jovens praticaram esse acto em «Poetas? Quantos!...» Sim! «Poetas? Quantos!...» é, antes de tudo, um esforço colectivo de criação, de pensamento livre expresso em mais de duzentos poemas, um sonho, uma aposta, um OBJECTIVO cumprido: UM POEMA. Perfeito? Não! (Perfeitas são as toupeiras...) MAS POEMA-SEMENTE.

Que «Poetas? Quantos!...» se não amortalhe nas suas formas! Que a SEMENTE cresça raízes e amadureça frutos nos anos vindouros!

Porque Poeta é o Povo. A sua obra é o POEMA: POVOPOEMA, guerrilheiro da LIBERDADE... E FAZER as palavras do POEMA que trazemos no sangue é um acto de CORAGEM.

Barcelos e Escola Secundária de Arcozelo, 4 de Junho de 1981

*António Manuel Rodrigues da Mota*

## PRÉFACIO

Este é o Poeta — sem condicionantes técnicas, sua obra é  
POEMA — simbólica plena do tempo no espaço sempre e tal, trabalha  
e por isso é sempre... POVO-POEMA: fonte rejuvenescente da guerra.  
liberto quando caminho da LIBERDADE se abre. SIMPLÉ.  
o POEMA está em nós: Poema-Matéria. Os se libertando as  
palavras do POEMA que nos correm no sangue. Se O fotografamos para  
mostrar a todos o seu colorido!

Sua permanente a INVENÇÃO das palavras para criar o POEMA  
é um ato de grande CORAGEM. Mas, mais corajoso ainda é o ato de  
começar a CRIAÇÃO.

Porém de conteúdo e mais de trabalho e poemas jovens praticam esse  
ato em "Poemas Quantos" e "Sim - Poemas Quantos" e é mais de  
tudo, um esforço objetivo de criação de pensamento livre expresso em  
mas de diferentes poemas, um sonho, uma aposta em OBJECTIVO, como  
pido: UM POEMA. Porém Não! (Poesias são as palavras) MAS  
POEMA-SIMPLÉ.

Que "Poemas Quantos" e se não amotale nas suas formas! Que  
SEMPRE estas coisas e mudarem umas nos seus trabalhos!  
Porque Poeta é o Poeta. A sua obra é o POEMA. POVO-POEMA, que  
liberto da LIBERDADE. É FAZER as palavras do POEMA que trabalham  
no sangue é um ato de CORAGEM.

Bacharel e Escola Secundária de Arcozelo, 4 de Junho de 1981

Antonio Manuel Rodrigues da Mata

## «Flores»

Ali... cá... lá...  
flores escolhidas num montinho,  
São boas!... São más...  
São lindas flores do Minho!...

Branças, rosas e lilãs  
cravos, muito vermelhinhos,  
pé alto, folhas delgadas,  
São lindas flores do Minho!...

No pomar, na horta,  
no campo ou num raminho!...  
Há flores por todo lado!  
São lindas flores do Minho!...

Flores a esmagar, pela Páscoa,  
pela Páscoa, no caminho...  
Rosas, cravos e feitelhas,  
São lindas flores do Minho!...

Uma pessoa a correr,  
uma outra a abraçar!...  
um cravo a oferecer  
e uma rosa para dar!...

Vitor Figueiredo — 1.º S.R.P.

## «Juventude»

A Juventude vai  
renascer a  
juventude vai crescer,  
a Juventude não vai  
ser como o Outono:  
não vai viver em  
dias cinzentos!  
vai resistir a todos  
os ventos que  
sopram para a destruir!  
Não vai ser como as folhas  
que caem por terra,  
não vai ficar gelada  
pela neve que cai  
na serra.

A Juventude vai  
ser como a Primavera:  
onde há flores  
de todas as côres,  
crescendo em liberdade!  
Que dão o perfume e  
frescura e quando  
secam deixam  
saúde.

A Juventude vai  
florir, sim florir  
com todas as côres,  
não vai secar,  
não vai deixar  
saúde!

A Juventude vai  
dar as mãos cantar  
cantar bem alto  
em todo Mundo  
O HINO DA LIBERDADE.

Domingos Ribeiro Pereira — 1.º S.R.P.

# D. Mariquinhas

Se tudo o que se faz  
Com amor não é pecado,  
Porque com mulher de outro  
Não pode andar o papado?

O missal é decorrido  
Vai o sermão começar,  
Acompanhada do marido  
D. Mariquinhas a entrar.  
Lindo sorriso nos lábios  
E muito bem vestidinha,  
Com seu casaco de peles  
À custa do Reitor Sotaininha.

Lindos e inocentes «caracóis»  
Traz na cabeça o marido,  
Que de tão grandes e loiros  
Se vão torcendo ao comprido.  
Diz-se que o pecado condena  
Estes amores sagrados,  
É sempre a coisa mais pequena  
Que estraga a vida ao papado.

Maria da Conceição de Araújo — 11.º ano

## Até onde chega a nossa paciência!

Todos juntos lá na sala,  
Impondo suas ideias,  
Professores de horas meias,  
Modificam nossa fala.

As mulheres são todas feias,  
Eles trazem todos mala.

O aluno bate a pala,  
E constrói as suas teias.  
Leva cábulas nas meias,  
E lá dentro não se fala.

As mulheres são todas feias,  
Eles trazem todos mala.

Entram à frente na sala,  
E dizem: quero que leias!  
Depois ficam nas areias,  
Mexendo nas suas malas.

As mulheres são todas feias,  
Eles trazem todos mala.

P'ra dar notas não se fala,  
Antes fazem cara feias (e dizem):

— Não colhes se não semeias.

Não darei notas à pala.

As mulheres são todas feias,  
Eles trazem todos mala.

Teresa Maia Senra de Azevedo — 11.º ano

## Saúde (?)

Um dia,  
por uma unha encravar,  
o Zé ao hospital  
foi parar.

No hospital tanto andou  
que por azar seu  
numa casca de banana,  
o desgraçado escorregou.

Pr'a urgência  
o levaram  
mas mais devagar  
que tartarugas andaram.

Muitas radiografias  
o mandaram tirar  
e muito mais  
lhe pediram para esperar.

Depois de alguns  
meses ter esperado,  
lhe disseram  
que a sua vez, tinha chegado!...

Mas por uma  
unha ter esperado,  
o Zé muito mal  
foi acabar!

Pois em vez —  
de ser tratado  
o coitado,  
teve de ser enterrado!...

Para o enterrar  
a sua família aflita se viu...  
pois número de contribuinte  
ele nunca possuiu!

José Manuel Morais Costa — 11.º ano

## Escravas da Moda

Vestidos longos ou pernas à mostra  
Caia neve, ou calor que tosta  
Não importa o que se gosta  
O que importa é estar na moda

Tenham rachas ou decote  
Seja bom ou mau o corte  
Não importa o que se gosta  
O que importa é estar na moda

Saltos altos ou achatados  
Cintos largos ou fios atados  
Não importa o que se gosta  
O que importa é estar na moda

Evite-se o pão, goste-se ou não  
Ser elegante eis a razão  
Não importa o que se gosta  
O que importa é estar na moda

Maria de Lourdes Gomes Araújo — 1.º 1.ª S.R.P.

## «Sociedade Podre»

Quando no meu tempo de ócio  
me dedico a meditar,  
tantas vezes me pergunto  
onde é que isto vai parar!

Por um lado as crianças  
que me levam a pensar;  
custa mais aprender a ler  
do que aprender a fumar.

Por outro lado os adultos  
com suas complicações,  
tanto ódio, tanta guerra,  
anda tudo aos encontrões.

A descarga social  
também não podia faltar,  
uns sem nada para fazer  
outros matam-se a trabalhar!

A Sra. D. Mimi  
como não podia deixar de ser,  
não conhece o trabalho  
todo o seu tempo é de lazer!

Certos «professores» esses sim!  
têm umas basófras tais,  
que quantas vezes não sabem  
serem bons profissionais.

Fernanda Freitas — 11.º ano

## « Apelo a uma prostituta »

Não, não é solução  
O caminho que julgas ver.  
Não! Foge da escuridão,  
Mas sem teres que escolher  
Uma falsa profissão  
Em que irias arder.

Mulher sê o que és!  
Valoriza-te!  
Não queiras ser explorada,  
Quando podes ser amada.  
Não queiras mergulhar num mundo  
Em que só há ilusões,  
Não queiras ver o seu fundo,  
Um fundo de podridões.

Luta, luta de cabeça erguida!  
Luta, que vencerás  
E não mais serás  
Uma mulher perdida.

Pensa no dia de amanhã  
Em que a velhice às tuas portas baterá.  
E' então tu, mulher explorada,  
Chegarás à triste conclusão  
De que não serviu para nada  
Essa triste solução.  
E então sentir-te-ás  
Queimada,  
Esfarrapada,  
O resto de uma profissão  
A que não disseste NÃO.

Só depois, velhinha, chegarás à conclusão  
Que a prostituição é corrupção  
E que o caminho certo,  
Seria a conversão!  
Não! Não estendas a mão  
A quem não te dá o coração.

M.<sup>a</sup> de Fátima Lopes Pereira — 11.º ano

# No meu sonho de liberta ansiedade

A M O T A

No meu sonho de liberta ansiedade,  
Construi uma vida de esperança  
Que passa para lá da eternidade,  
Onde só tem marionetes e dança.

Cavalgando no meu cavalo branco  
Aprofundei meus olhos no espaço,  
Vi surgir ao longe uma estrela  
que por sinais me mandava um abraço.

Transformei-me em nuvem dissipante  
Alimentado pelo desejo ardente  
De ter uma vida palpitante  
E gozar meus dias de contente.

Tudo é simples suave e meigo  
Como criança humilde e amorosa  
Lá na terra eu era apenas leigo  
Com vida futura duvidosa.

Mentiras hipócritas passam por verdade  
A riqueza busca a ambição  
O povo grita liberdade  
Paz e amor buscam condição.

Manuel de Oliveira Faria — 2.º/S.R.P.

## **A m o r**

O amor é um espaço reservado  
Às vezes aberto às vezes fechado  
É um sol enorme e brilhante  
que gela ou aquece conforme  
o instante  
É um tempo exacto numa  
hora incerta  
É um muro branco numa  
porta aberta  
é um mundo novo que  
nunca morreu  
sendo nós os dois, és tu e sou eu.

Rosa Maria Faria Adolfo — 10.º Ano

# Mal o padre vai para o altar

Mal o padre vai pró altar,  
Começa logo a chatear:  
«Neste mundo nada é bom,  
Temos muito que rezar.»

Seu dever é ensinar  
E não ter de o ouvir  
Quando começa a pregar  
Tendo nós de fugir.

«Por essas televisões,  
Nada há que se apresente  
Só programas escandalosos  
Que corrompem toda a gente!

A podridão, deste mundo,  
Sente-se cada vez mais  
Aumenta o progressismo,  
de que já todos falais.  
O Povo religioso  
D'outrora é que era bom!  
Seguiam minha palavra,  
dando-me sempre a razão.

O que ensinam nas escolas  
Que pervertem vossos filhos,  
É preciso ter cuidado,  
Não venham com mais sarilhos!»

Se pensam «levar» os novos  
E julgar, muito em vão;  
Têm os olhos abertos,  
Não ouvem só o sermão.

Maria de Fátima A. Silva — 11.º Ano

# Doente sofre

Por doença enfadonha  
ando eu preocupado  
fui ao médico  
e mandou-me ao advogado.

De advocacia  
não era meu mal  
porque dali a dias  
estava no hospital.

No hospital  
não havia lugar,  
fiquei no corredor  
a ver os outros passar.

Como piorei,  
mandaram-me para casa;  
não beber vinho  
e da galinha comer a asa.

Com esta dieta,  
de fome morria  
pois eu sem vinho,  
viver não conseguia.

Mas de repente;  
fiquei mesmo mal  
e no mesmo dia  
fui para o hospital.

Num corredor  
fui acalmado,  
à espera de vez  
para ser operado.

Cinco meses passaram  
e eu na minha vez;  
até que um dia disseram  
que só faltavam três.

Meu mal não sabiam  
por isso fui operado;  
o médico enganou-se  
e fui autopsiado.

Maria do Carmo Alves Coutinho Martins — 11.º ano

## A crítica que vou fazer

A crítica que vou fazer,  
Não sei se possa ter  
Motivos de reflexão!  
Crítico o ponto,  
Crítico tudo,  
Crítico as notas que me dão.  
Sou como quem faz projecto,  
Como sendo arquitecto,  
Dum prédio sem fachada,  
Sem portas,  
Sem janelas,  
Que para subir não tem escada.  
Digo à Rosa, à Maria,  
Que chumbei mas sabia,  
Criticando o professor.  
E à mesa do café,  
Perna alçada, baloiço o pé  
Num gesto ameaçador;  
Cigarro na boca enfiado,  
Criticando o criticado,  
O justo e muito digno professor.

Teresa Faria — 11.º ano

## «Meninas-Bem»

Tantas, tantas que pr'aí há!  
Essas meninas bonitas  
Que, mesmo sendo bem feias  
Se vestem todas catitas,  
Dizendo lá das arreias:  
— «Melhor que eu, não há!»

E como agora é moda,  
Aprende-se na televisão,  
Desgraçadinhos daqueles  
Que abaixo delas estão.

Se lhes dizem uma graça,  
Qualquer uma ao deus dará,  
Lampreiras elas respondem:  
— «Não me chateie, tá?»

As amigas «pobretonas»  
Elas falam com desdém,  
Não se lembrando que um dia,  
Poderão sê-lo também.

Professores elas criticam,  
Muito cheias de razão:  
— «Nossa, que fato piroso;  
morra lá a profissão!»

Assim vou eu terminar,  
Esta crítica de construção.  
Digo: «melhor que ser rico  
é viver com coração».

Por isso meninas-bem,  
Estarei eu certa ou não?  
Não digais, para cúmulo,  
Que eu não tenho razão.

Albertina América de Sousa Moreira — 11.º ano

# Marcianos - Bem-vindos

Uma nave  
Dirige-se para a terra.  
Vem de Marte  
e vem carregada.

É um ovni!  
É uma estrela!  
É um cometa!  
É o superman!  
— diz-se —

Desce um marciano  
que era verde  
E dirige-se ao povo:  
— É tudo imaginação vossa !!!

Ant.º José da S. Figueiredo — 10.º ano

## «A nossa Sociedade»

Não sei ler nem escrever,  
mas sabe o patrão;  
os seus filhos vão à escola  
e os meus não.

O rico gasta o dinheiro  
do povo trabalhador,  
o dinheiro que é o fruto  
do seu trabalho e suor.  
Quem apoia o patrão  
na nossa sociedade  
é um grande aldrabão  
pois não fala verdade.

Quando dizem que no mundo  
não pode haver igualdade  
estão a apoiar o patrão  
como rei da sociedade.

P'ra que isto não aconteça  
e p'ra que não nos falte o pão,  
é preciso que lutemos  
pois nós temos razão.

Aurora Martins Gomes — 11.º ano

# Hum?

- Minha senhora?  
— Hum?  
— Estou aqui para fazer  
  Uma consulta nesta Hora.  
— Hum!  
— O médico eu quero ver,  
  Tenho dores por todo o lado;  
— Hum!  
— A cabeça tenho a doer,  
  Tenho este braço quebrado.  
— Hum?  
  Não sabe como soffro,  
  Quase não posso andar.  
— Hum?  
— Tenho nas costas uma dor  
  E nem me posso sentar.  
— Hum?!  
— Qual é a porta então  
  A que me devo dirigir?  
— Oh! Peço-lhe perdão;  
  Eu não estava a ouvir!...  
— Pode repetir?  
— Hum??!!

Adelino Santos — 11.º ano

# Solidão

Solidão, quem te quer?  
Os ricos por terem tudo,  
Ou os pobres por não terem nada?

A solidão é boa, é nossa amiga.  
Faz lembrar recordações,  
Boas ou más?  
Tanto faz.

Sózinha, a solidão não é nada,  
Juntando-se a nós é tudo.  
É um complemento,  
De que eu me sustento.

A solidão faz milagres;  
Junto com o homem,  
Pode fazer saudades.

A saudade é bonita  
Nas noites de luar  
A solidão pode fazer  
Muitas vezes a verdade.

Fernanda Carvalho — 10.º ano

## Homens que se dizem Santos

Homens que se dizem santos  
São como corvos negros,  
Só sabem falar dos outros  
E nunca guardar segredos.

Falam sem nada dizer,  
Fazem sermões de espantar;  
Só lhes falta aprender  
Maneiras de mais roubar.

Enganam burros e parvos  
Com o seu lacrimoso discurso,  
E alguns que se dizem espertos  
também acreditam no urso.

A família é sagrada,  
Dizem eles com ironia,  
Não vás ao planeamento  
Deixa isso para outro dia.

Benvinda Carvalho — 11.º ano

## Abre os olhos Joaquim

Abre os olhos, Joaquim!  
Não te deixes enganar,  
pelos grandes imperialistas  
que só te querem roubar.  
Prometem-nos seguro de colheitas,  
mas que seguros são esses?  
são as promessas feitas  
pelos senhores burgueses,  
para tu não te revoltares.  
Põe-te alerta, Joaquim!  
Dizem que vão melhorar,  
põem tudo a subir,  
os grandes a engordar,  
os salários a diminuir!...  
Para o povo se calar  
dizem que baixam a inflação.  
Aumentam-nos os impostos  
para nos roubar o pão.  
Cuidado Joaquim!  
Fizeram tantas promessas  
que o povo se iludiu,  
enriqueceram os burgueses,  
o povo já faliu.  
Prometeram o crédito par  
dizem que é para o rendeiro,  
os grandes a enriquecerem,  
os pequenos sem dinheiro!...  
Este crédito par  
até deu na televisão,  
para o povo se confiar:  
estavam a chegar as eleições...  
**NÃO TE ILUDAS JOAQUIM!...**

Vitor Figueiredo — 1.º S.R.P.

# Senhor Presidente

Senhor Presidente,  
Senhores deputados,  
Estais aí sentados  
E eu de pé sorridente.  
Mas do Governo vou falar  
E eu vos quero elucidar,  
Não estou nada contente.

Por isso vos quero dizer  
Tudo o que não sabeis  
E o que já sabeis  
Aqui o quero espremer  
Pois o povo quer ouvir,  
Se enganado se não sentir,  
Que desprezado está a ser.

Penso que com clareza  
Expus o que queria dizer.  
E se alguém não o entender  
O saberei com tristeza,  
Pos precisa esta Nação  
De cultivadores da razão.  
Fim de citação.

Adelino Santos — 11.º ano

# Cá p'ra mim

Cá p'ra mim,  
o português  
é o ser mais vaidoso e teimoso  
Que há neste mundo sem fim.

E na moda, então sim!...

Mesmo com vento intenso  
e o Inverno gelado,  
anda sempre em cabelo,  
fresquinho e aperaltado.

Em política, imaginem!...  
Nem vale a pena falar:  
Pensa, discute, resolve,  
Mas nada se vê melhorar.

No palácio de S. Bento  
que mais se pode fazer?  
Os pássaros e carneiros  
Só lá vão o papo encher.

Buscando melhor vida,  
ao estrangeiro vai parar.  
O produto de sua lida,  
muitas fendas vem tapar.

Graça Gonçalves — 2.º S.R.P.

# A Sociedade

Há males na Sociedade  
que ninguém pensa combater;  
cada qual na sua idade,  
só a barriga pensa encher.

As pessoas lutam  
para os seus poder ajudar,  
outras para elas olham,  
só pensando em criticar.

Há os que trabalham  
e os que andam a criticar,  
estes só lutam, lutam  
para boa vida levar.

Criticam quem trabalha.  
Se estes deixam de existir,  
são obrigados a comer palha  
para a vida não lhes fugir.

Comem o suor dos outros,  
levam uma vida indecente  
depois, cometem erros,  
ao pensar que já são gente.

Eu gostaria de ver  
os que costumam criticar,  
mostrar o seu saber  
com uma enchada a trabalhar.

Palmeira Esposende — 11.º ano

## «Visão do mundo pela terceira idade»

Vejo, mas não acredito  
Neste mundo em evolução,  
Este progresso maldito  
Modifica a nova geração.

Para o cumulo do espanto,  
Que um velho possa ter,  
Vejo coisas que entretanto  
Me fazem emudecer.

É possível que tudo isto  
seja da minha imaginação.  
Por mais que tenha visto  
As pessoas não eram o que são.

Tudo isto me escandaliza  
E faz mal à minha visão.  
A vida já me horroriza,  
O mundo não tem nada de bom.

M.<sup>a</sup> Conceição Costa Alves Faria — 11.º ano

## «Estrela minha»

Olhando o firmamento  
Uma linda estrela eu vi.  
Contigo no pensamento  
Continuei pensando em ti.

Tão bela, tão formosa,  
Com um sabor a perigo.  
Tão bela tão graciosa  
Era parecida contigo.

Estrela minha que fugiste,  
Apagou-se a tua chama clemente.  
Tão cedo me iludiste  
Repousarás em mim eternamente.

E para sempre serás  
A minha Vénus errante,  
E ao mundo mostrarás  
Como eu sou teu amante.

José Joaquim da Costa Miranda — 10.º ano

# O Padre e o pecado!

Certo cura com anéis  
tinha um jeito especial,  
ao falar para os fiéis  
na igreja vespéral.

E pregava o padre cura  
ao rebanho tresmalhado:  
— «S'ó cristão quer salvadura  
que se fine confessado!»

Mas tal fim celestial,  
não importava a ninguém.  
Dizia tudo afinal:  
— «O pecado sabe bem!»

No fim, eis o resultado:  
andava o cura também  
c'uma beata amantizado!  
e o povo dizia: — «Amén!»

M.<sup>a</sup> Fernanda Maia de Areia — 11.<sup>o</sup> ano

## Crítica aos Médicos

Nos médicos de hoje em dia,  
não se pode ter confiança.  
Se um doente se queixa da barriga,  
receitam para a garganta.

E se o médico for da caixa,  
o caso torna-se pior,  
pois se o doente está a morrer  
e ele diz que está melhor.

Marca-se a consulta pró médico,  
só se a tem pr'a dali a um mês.  
Quando se chega à altura,  
o enterro já se fez.

No país há muitos médicos,  
sendo na maioria mal formados.  
Se lhes surge um caso sério,  
ficam logo atrapalhados.

Os médicos dos hospitais,  
usam batinhas brancas  
e aqueles que são casados,  
escondem as alianças.

Vai uma pessoa ao médico  
e farta-se de esperar,  
porque os médicos estão a conversar,  
e as enfermeiras a coscovilhar.

Se fores a um médico fora,  
pensa bem na tua ideia,  
porque até vais suar  
quando puxares da carteira.

Ana M.<sup>a</sup> Machado Fernandes — 11.º ano

# Cativar

Cativar, é dar, é amar!  
É solidariedade, é verdade!  
Cativar?  
Nunca ouvi falar!?  
Claro!  
Ninguém sabe o que é amar!  
Ninguém sabe o que é Cativar!  
É a continuidade da amizade!  
É a verdade!

Rosa Maria — 9.º ano

## Composição Satírica à moda dos Trovadores

Vou eu agora contar  
Trinta males d'ũa senhor,  
diz que sente calafrios  
quando alguém lhe pede amor.

«Spere! Spere! Vou-me agasalhar!»  
— disse assim p'ra um doutor  
que perante tantos calafrios  
lhe comprou um aquecedor.

«Minha dama de carmim!  
Meu rabinho esquentado!  
Não fuja ora de mim».  
— disse o médico amado.

O romance teve fim  
porque alguém no povoado  
diz que que a dama antes do Sim  
Ai! Já tinha engravidado!

M.<sup>a</sup> Fernanda Maia de Areia — 11.º ano

# Crítica aos Políticos

Os políticos na Assembleia,  
são todos uns parvalhões,  
só sabem prometer coisas  
e não resolvem as questões.

Todos sobem as escadas,  
com o seu discurso na mão,  
e falam e dizem que sim  
mas tudo fica em vão.

São todos a mesma jandra,  
não nos podemos zangar,  
pois eles zangam-se todos  
e ao fim vão pró jantar.

Ser político, é bom ofício,  
já diziam e com razão  
pois para dizer umas tretas,  
ganham logo um dinheirão.

Quando vão à televisão,  
só dizem mal dos outros,  
e por fim chega-se à conclusão  
que ainda são piores do que os outros.

Só dizem mal dos outros,  
Porque pensam que vão ser eleitos,  
mas quando sabem quem ganha  
quase se põem de joelhos.

Antes de entrar pró governo,  
parecem uns magricelas  
mas é vê-los passados meses,  
parecem umas rodelas.

E anda o povo a trabalhar,  
para esta jandra sustentar  
quando na maior parte das vezes,  
devia era pô-las a andar.

Os ministros são pessoas,  
que mantêm o respeito...  
há ministros para tudo  
e continua tudo sem jeito.

Ana Maria Machado Fernandes — 11.º ano

## O Padre «Puro»

(Um padre é visitado por um demente que não hesita em fazer-lhe todo o tipo de perguntas)

Dem-Ao subir cá para dentro  
vi um rapaz a brincar.  
Por amor de S. Bento,  
como veio cá parar?

Pad-É filho da minha irmã  
e tive que o adoptar.  
Não esperei p'rá amanhã,  
se quero no Céu lá entrar.

Dem-Alguém chora com insistência  
que convém ir consolar,  
e é na nossa residência,  
pois, talvez queira mamar!

Pad-Criança já cá mais existiria,  
que te sirva p'ra calar.  
Minha sobrinha brinca na vacaria,  
são as vacas com ela a brincar.

Dem-Quem é aquele moçatão  
que está a arranjar a cancelinha?

Pad-Não vês, meu malucão,  
que é filho da minha madrinha!

Dem-Muita nota tem o «senhor»...  
como fez p'rá conquistar?

Pad-Se a Deus tens amor,  
não mo faças recordar.  
Meu paizinho foi pró Céu (?)  
e tivemos que herdar.

M.<sup>a</sup> de Fátima Martins — 11.º ano

# Zé Povinho

Sou um pequeno camponês.  
Tenho sempre a minha vez  
de exprimir o que sinto.  
Toda a vida eu labuto  
(trabalho como um bruto)  
e sempre a apertar o cinto.

Cuidado com a nobreza,  
pois já temos a certeza  
de sair tudo errado.  
Portugueses, trabalhadores,  
cuidado com os senhores  
senão voltamos ao passado.

Zé povinho Português  
tem razão, mais uma vez,  
de não ligar a um «pinto».  
Perguntem ao trabalhador,  
esse é que tem o valor  
e que diga se eu minto.

Vitor Figueiredo — 1.º S.R.P.

# Eu quero ser Eu

Eu quero ser eu,  
quero partir todas as cadeias que me oprimem.  
Ser livre, livre na imensidão do espaço.  
Eu queria ter asas mais leves que o vento,  
quebrar as correntes do pensamento.  
Correr por esses prados,  
até cansar as pernas.  
Beber água pura das nascentes,  
encher os pulmões de ar  
e gritar:  
**EU QUERO SER EU!**

Mara Adélia da Costa Rodrigues — 1.º S.R.P.

## Poema sem tema

Peguei um papel e um lápis.  
Ia fazer um poema!  
Mas, qual o tema?  
Pus-me a pensar...  
Talvez o amor?  
Reflecti!...  
Que poderei dizer eu do amor  
Para além do que já foi dito?  
Que casaram, foram pouco felizes  
e não tiveram muitos filhinhos?  
Não! Do amor não vou falar.  
Então de que falarei eu?  
Da sociedade moderna?  
Não, não vou falar dela.  
É contra as normas sociais mentir!  
Mas, então como vou fazer um poema?  
Sem tema, não o conseguirei.  
Vou falar da era espacial?  
Não, não posso.  
Corro o risco de cair num daqueles buracos  
existentes na lua, e se porventura aparecesse  
um extra terrestre não podia pedir-lhe socorro:  
não sei falar inglês...  
Então do que será?  
Tem que haver um tema  
Para o meu poema.  
Eu vou falar de mim.  
Eu sou Eu...  
Não! Também não é tema  
Para o meu poema.  
Sem o tema  
Não consigo fazer um poema.  
Nunca serei poeta!  
Como vou achar o poema para o tema?... Oh desculpem.  
Estou confusa. Quero um poema.  
mas, por falar nisso, sabem qual é o tema deste poema?  
Poema sem tema.

ISABEL MARTINS —1.º S. R. P.

## INDICE

	Pág.s
Flores ... ..	11
Juventude . ... ..	12
D. Mariquinhas ... ..	13
Até onde chega a nossa paciência! ... ..	14
Saúde (?) . ... ..	15
Escravas da Moda . ... ..	16
Sociedade Podre ... ..	17
Apelo a uma prostituta ... ..	18
No meu sonho de liberta ansiedade ... ..	19
Amor . ... ..	20
Mal o padre vai para o altar ... ..	21
Doente sofre ... ..	22
A crítica que vou fazer ... ..	24
Meninas-Bem . ... ..	25
Marcianos . ... ..	26
A nossa sociedade . ... ..	27
Hum? . ... ..	28
Solidão ... ..	29
Homens que se dizem santos ... ..	30
Abre os olhos Joaquim ... ..	31
Senhor Presidente . ... ..	32
Cá p'ra mim ... ..	33
A Sociedade ... ..	34
Visão do mundo pela terceira idade ... ..	35
Estrela minha . ... ..	36
O padre e o pecado ... ..	37
Crítica aos médicos ... ..	38
Cativar ... ..	39
Composição satírica à moda dos Trovadores ... ..	40
Crítica aos políticos ... ..	41
O padre «puro» ... ..	43
Zé Povinho ... ..	44
Eu quero ser eu ... ..	45
Poema sem tema . ... ..	46

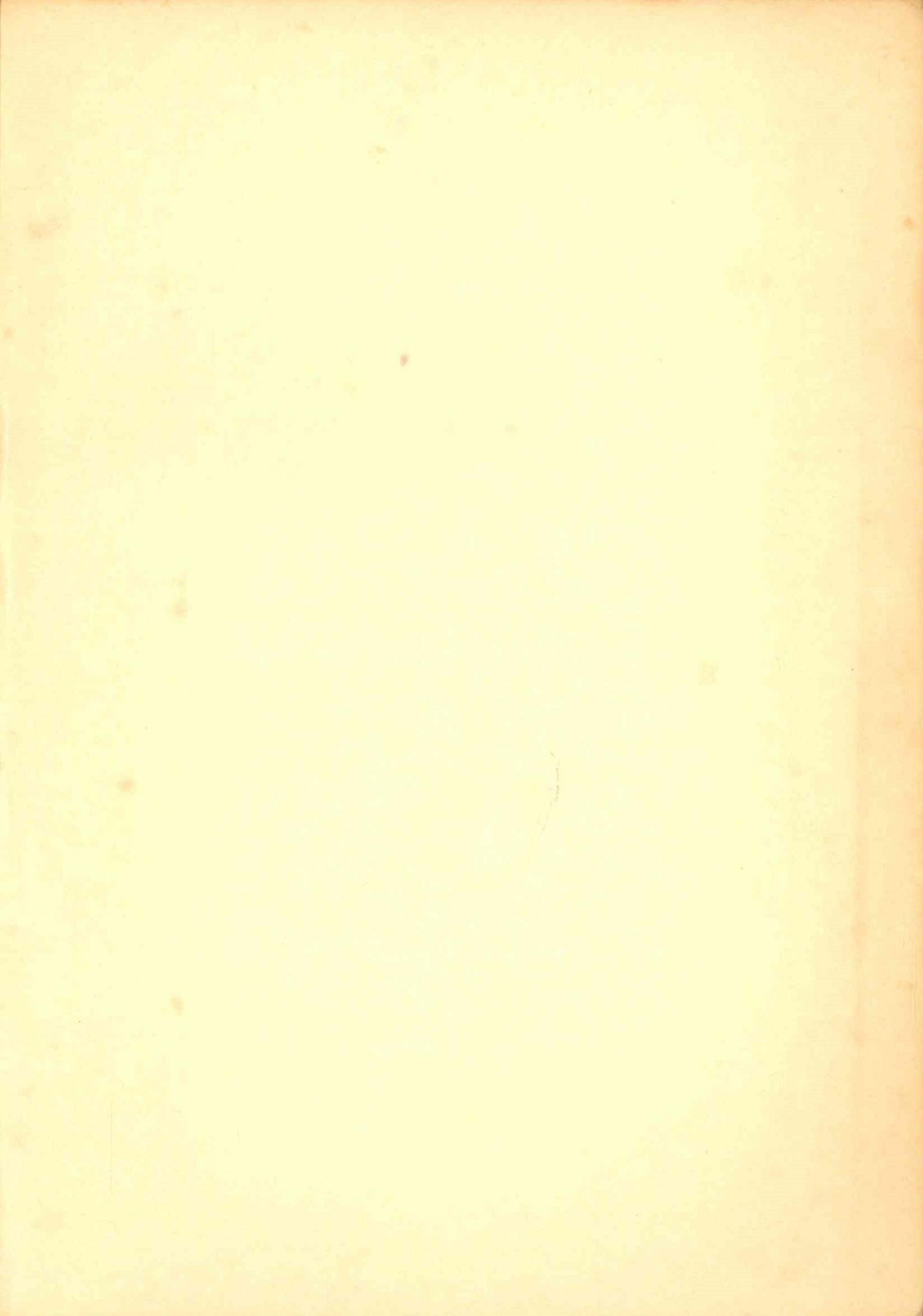
INDICE

10	Poeta com terra
11	Em que se en
12	Sé Torinho
13	O padre e o povo
14	Critica aos politicos
15	Composicoes dadas a moda dos franceses
16	Cartas
17	Critica aos medicos
18	O padre e o peccado
19	Carta a minha
20	Carta a minha
21	Carta a minha
22	Carta a minha
23	Carta a minha
24	Carta a minha
25	Carta a minha
26	Carta a minha
27	Carta a minha
28	Carta a minha
29	Carta a minha
30	Carta a minha
31	Carta a minha
32	Carta a minha
33	Carta a minha
34	Carta a minha
35	Carta a minha
36	Carta a minha
37	Carta a minha
38	Carta a minha
39	Carta a minha
40	Carta a minha
41	Carta a minha
42	Carta a minha
43	Carta a minha
44	Carta a minha
45	Carta a minha
46	Carta a minha
47	Carta a minha
48	Carta a minha
49	Carta a minha
50	Carta a minha
51	Carta a minha
52	Carta a minha
53	Carta a minha
54	Carta a minha
55	Carta a minha
56	Carta a minha
57	Carta a minha
58	Carta a minha
59	Carta a minha
60	Carta a minha
61	Carta a minha
62	Carta a minha
63	Carta a minha
64	Carta a minha
65	Carta a minha
66	Carta a minha
67	Carta a minha
68	Carta a minha
69	Carta a minha
70	Carta a minha
71	Carta a minha
72	Carta a minha
73	Carta a minha
74	Carta a minha
75	Carta a minha
76	Carta a minha
77	Carta a minha
78	Carta a minha
79	Carta a minha
80	Carta a minha
81	Carta a minha
82	Carta a minha
83	Carta a minha
84	Carta a minha
85	Carta a minha
86	Carta a minha
87	Carta a minha
88	Carta a minha
89	Carta a minha
90	Carta a minha
91	Carta a minha
92	Carta a minha
93	Carta a minha
94	Carta a minha
95	Carta a minha
96	Carta a minha
97	Carta a minha
98	Carta a minha
99	Carta a minha
100	Carta a minha

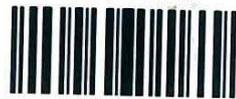
---

Composto e Impresso  
na Tip. Silva Pereira  
4700 BRAGA

---



biblioteca  
municipal  
barcelos



59549

Poetas? Quantos?